

Manuel Armando Oliveira e Carlos Teixeira.
Jovens Portugueses e Luso-Descendentes no Canadá.
Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2004.

Gilberta Pavão Nunes Rocha

Teórica e metodologicamente bem fundamentado e actualizado, o livro *Jovens Portugueses e Luso-descendentes no Canadá*, é uma referência obrigatória no estudo das migrações, em especial das portuguesas. Todavia, abrange na sua configuração interpretativa um leque bastante alargado de vertentes do conhecimento, tanto de natureza económica, como social e cultural, sobre os Açores e o país no seu conjunto, que ultrapassam, assim, o enfoque mais restrito do conhecimento daquela temática, tanto na sua vertente emigratória como imigratória.

Centrando-se no estudo dos jovens portugueses e luso-descendentes com idades compreendidas entre os 14 e os 34 anos—a segunda geração—no seu perfil sócio-demográfico e nas suas vivências nas cidades de Toronto e Montreal, é enquadrado nas condições económicas e culturais dos seus progenitores à partida, em grande parte dos Açores como sabemos, e à sua chegada ao Canadá. Neste último aspecto, que é fundamental para se perceber a realidade em análise, isto é, os jovens portugueses em terras mais a norte do continente americano, o enfoque pode estender-se a outros destinos da nossa emigração, em especial os EUA, mas também, para os que cá ficaram—nós próprios reflectidos em espelho no imenso mar que nos separa, o que fomos e o que em parte ainda somos.

Mas se o estudo das migrações, e em especial o da emigração, é por si só um tema de enorme relevância, que configura a nossa própria identidade histórica, também os estudos sobre a juventude, ou seja, o nosso futuro, são há já alguns anos sentidos como fundamentais. Temos, assim, uma obra que contempla estes dois enfoques, numa ligação passado futuro que, no presente, exige uma atenção muito particular.

A sua cientificidade torna-o elemento fundamental de trabalho para estudantes e cientistas sociais, como sociólogos, geógrafos, demógrafos,

antropólogos, politólogos ou historiadores. Mas, pelas mesmas razões, deverá ser igualmente um instrumento de trabalho para todos aqueles que têm responsabilidades de acção política ou cívica na Região, no País ou nas várias Comunidades.

As questões que têm maior relevância ultrapassam as especificidades insulares e enquadram-se em aspectos mais profundos da nossa evolução histórica e posição na contemporaneidade, cuja modernidade não devemos, uma vez mais, deixar de acompanhar. É, pois, também fundamental para universitários, políticos e público em geral, do Continente, da Madeira, como de outros países, em especial aqueles que nos acolheram.

Todavia, se a qualidade e o rigor científico, do livro “Jovens Portugueses e Luso-descendentes no Canadá,” o colocam como obrigatório para o público que acima referimos, tal não significa, bem pelo contrário, que a ele se deva restringir. A sua escrita fundamentada é entusiasmante na revisitação que fazemos de nós próprios, das nossas forças e das nossas fraquezas identificadoras como açorianos e como portugueses.

E neste conhecimento, possibilitado pelo trabalho dos autores, sublinharemos o que entendemos serem as duas vertentes essenciais que, de qualquer modo, não podem ser vistas de uma forma isolada: a problemática migratória, que interessa aos que se debruçam sobre a emigração, mas também aos que se preocupam com a imigração—fenómeno recente mas já da maior importância na sociedade açoriana—e a problemática da juventude, designadamente no que respeita à sua inserção no mundo de hoje, na qual a formação tem um papel determinante.

A mobilidade humana é, como sabemos, uma das questões que melhor caracterizam o sistema das relações internacionais a nível mundial e, como tal, têm repercussões, ainda que distintas, em todos os países, quer os de origem quer os de destino e está presente em todos os aspectos da vida em sociedade. Um deles é, sem dúvida, a vivência dos vários grupos étnicos nos países de acolhimento, mais desenvolvidos, não só os da primeira mas, fundamentalmente, da segunda geração, designadamente os mais jovens, cuja identidade se forma na duplicidade dos valores familiares—do país de origem—e do modo de vida e também dos valores do país de acolhimento. Casa, escola e relações de vizinhança não se interligam, assim, de uma forma coerente. O outro—como identidade distinta—está bem patente na formação dos jovens portugueses no Canadá, facto que se aplica tanto ao meio familiar como ao exterior envolvente, o que os autores muito bem

designam por “Estranhos em casa alheia... mas também em casa própria.”

A divergência teórica e, conseqüentemente, política como hoje se entende esta temática, que de uma forma extremada se pode explicitar entre a assimilação e a valorização dos diferentes valores étnicos identitários, tem no Canadá uma acuidade muito particular. E é também neste contexto que os autores problematizam de uma forma muito actualizada o seu estudo sobre os jovens portugueses naquele país.

A outra questão, que está intimamente associada à anterior, prende-se com o futuro dos nossos jovens naquelas paragens, cuja formação está longe de os poder integrar na sociedade actual da “nova economia.” Este, diferentemente do que aconteceu com os pais, exige níveis de qualificação cada vez mais elevados e exigentes que não estão a ser atingidos e que podem conduzi-los para uma franja de marginalidade social. Nas palavras conclusivas dos autores:

O que esta nova situação trás de especialmente preocupante para os jovens portugueses e luso-descendentes, é o facto de, (nova economia) ao atribuir à instrução o papel fundamental na incorporação dos jovens, deixar os de origem portuguesa em situação particularmente vulnerável, dado o fraco desempenho académico que os tem caracterizado. (219)

E mais à frente:

. . . o fraco desempenho académico não é um fenómeno que diga respeito aos jovens portugueses e luso-descendentes no Canadá em particular, mas que, tanto quanto nos foi possível verificar. . . parece afectar aqueles jovens em qualquer país em que se encontrem-incluindo Portugal. (221-222)

Esta é uma característica que também já tivemos oportunidade de apresentar numa conferência sobre o ensino superior em Portugal, comparando as qualificações dos jovens portugueses face às dos jovens dos restantes países da União Europeia. Tão grave como a nossa posição-a de menores qualificações, é a falta de progresso observada nos últimos 10 anos-1991-2001. Aumentou a diferença entre Portugal, por um lado, a Espanha, a Itália ou a Grécia, por outro, sendo que estes países estavam então com uma situação similar à nossa.

Não nos basta, pois, compararmos as nossas melhorias educacionais

face a um passado mais recuado porque de facto elas são reais. Mas não deixam de ser tão ou mais insuficientes para atingirmos o sucesso necessário num mundo que se caracteriza por um acelerado progresso técnico e cultural.

E é também esta situação que encontramos devidamente analisada relativamente aos jovens portugueses no Canadá. Mas sabemos, tal como os autores, que é um desafio que toca no mais fundo da nossa cultura, e que dificilmente poderá ser resolvido numa única parte do mundo onde nos encontremos. Exige um conhecimento mais globalizado e interligado da nossa História e das sociedades onde vivemos.

Gilberta Pavão Nunes Rocha. Nasceu em Ponta Delgada, São Miguel. Licenciada em Finanças pelo Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa, em 1976, integra o corpo docente do então Instituto Universitário dos Açores, hoje Universidade dos Açores, no início de 1977. É hoje professora catedrática na mesma universidade. Com publicações em revistas da especialidade, é ainda autora e co-autora de alguns livros de temática sócio-demográfica, que abordam designadamente a dinâmica populacional, a emigração, a família, a juventude e ainda problemáticas relativas à terceira idade e às mulheres. E-mail: grocha@notes.uac.pt